

Xilogravura do livro *Les songes drolatiques de Pantagruel* (1565), de autoria presumida de François Desprez. Obra em domínio público. Composição visual remixada.

ENSAIOS

UIVOS PARA SANGUINETTI: DO TERRORISMO DE ESTADO AO DESPOTISMO OCIDENTAL

HOWLS FOR SANGUINETTI: FROM STATE TERRORISM TO WESTERN DESPOTISM

AULLIDOS PARA SANGUINETTI: DEL TERRORISMO DE ESTADO AL DESPOTISMO OCCIDENTAL

Erick Quintas Corrêa

Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara (UNESP/FCLAr), Araraquara, SP, Brasil

Submetido em: 08/10/2025
Aceito em: 21/10/2025
Publicado em: 28/10/2025

Como citar: CORRÊA, Erick. Uivos para Sanguinetti: do terrorismo de Estado ao despotismo ocidental. *(Des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. e62260, jul./dez. 2025.

DOI: 10.53981/destrocos.v6i2.62260

Licenciado sob a CC BY 4.0.

Resumo
A trajetória de Gianfranco Sanguinetti (1948–2025), proeminente membro da Internacional Situacionista (IS), foi marcada por uma intransigente crítica à sociedade do espetáculo. Sua intervenção mais notável foi a "operação Censor" (1975). Usando o método da "impostura subversiva", Sanguinetti publicou um panfleto anônimo que expôs o emprego, pelos serviços de inteligência do Estado italiano, do terrorismo de "bandeira falsa" na repressão ao "outono quente" de 1969. Essa denúncia foi posteriormente retomada em seu polêmico *Do terrorismo e do Estado* (1979), publicado após a derrota do movimento de 1977. Em seus anos finais, Sanguinetti voltou a publicar ensaios políticos na imprensa alternativa europeia, denunciando o surgimento de uma nova forma de dominação: o "despotismo ocidental", originado a partir da dissolução da URSS e da simultânea morte do Estado de direito nos países ocidentais.

Palavras-chave
Terrorismo de Estado; despotismo ocidental; sociedade do espetáculo; Internacional Situacionista.

Abstract
The life of Gianfranco Sanguinetti (1948–2025), a prominent member of the Situationist International (SI), was marked by uncompromising criticism of the society of the spectacle. His most notable intervention was "Operation Censor" (1975). Using the method of "subversive imposture," Sanguinetti published an anonymous pamphlet exposing the Italian state intelligence services use of "false flag" terrorism in the repression of the "hot autumn" of 1969. This denunciation was later taken up again in his polemical *On Terrorism and the State* (1979), published after the defeat of the 1977 movement. In his final years, Sanguinetti returned to publishing political essays in the European alternative press, denouncing the emergence of a new form of domination: "Western despotism," originating from the dissolution of the USSR and the simultaneous death of the constitutional state in Western countries.

Keywords
State terrorism; Western despotism; society of the spectacle; Situationist International.

Resumen
La trayectoria de Gianfranco Sanguinetti (1948-2025), destacado miembro de la Internacional Situacionista (IS), estuvo marcada por una crítica intransigente a la sociedad del espectáculo. Su intervención más notable fue la «operación Censor» (1975). Utilizando el método de la «impostura subversiva», Sanguinetti publicó un panfleto anónimo que denunciaba el uso, por parte de los servicios de inteligencia del Estado italiano, del terrorismo de «bandera falsa» en la represión del «otoño caliente» de 1969. Esta denuncia fue posteriormente retomada en su polémico libro *Del terrorismo y del Estado* (1979), publicado tras la derrota del movimiento de 1977. En sus últimos años, Sanguinetti volvió a publicar ensayos políticos en la prensa alternativa europea, denunciando el surgimiento de una nueva forma de dominación: el «despotismo occidental», originado a partir de la disolución de la URSS y la simultánea muerte del Estado de derecho en los países occidentales.

Palavras clave
Terrorismo de Estado; despotismo occidental; sociedad del espectáculo; Internacional Situacionista.

Erick Corrêa é Doutor (2021) em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara (UNESP/FCLAr), São Paulo, Brasil. Professor de sociologia, co-organizador dos livros *68: como incendiar um país* (Veneta, 2018) e *Insurgência Viral: autodefesa sanitária e despotismo ocidental* (Veneta, 2020). Autor do livro *O último Debord: 1984-1994* (Sobinfluência, 2024). Colabora com artigos, ensaios e traduções para publicações nacionais e internacionais.

Introdução

O pensamento radical perdeu uma de suas vozes mais corrosivas. Gianfranco Sanguinetti, membro lendário da Internacional Situacionista (IS) e implacável crítico da sociedade do espetáculo, faleceu em Praga no dia 3 de outubro, aos 77 anos. Figura fundamental nos debates políticos e estéticos que marcaram a geração de 1968, Sanguinetti foi não apenas um teórico incômodo ao poder, mas também um escritor de rara precisão e ironia, cuja obra desafiou simultaneamente o Estado italiano e alguns movimentos revolucionários de sua época. Sua trajetória, marcada por um intransigente compromisso com o trabalho desmistificador do negativo, deixa um legado que continua a interpelar, ética e politicamente, todas as formas de indulgência com a "mentira generalizada" que estrutura o mundo do espetáculo descriptografado pelos situacionistas.

Nascido em 1948 na Suíça, Gianfranco era filho de Teresa Mattei e Bruno Sanguinetti, ambos ativos *partigianos* da Resistência antifascista na Itália. Teresa, pedagoga de formação, foi eleita para a Assembleia Constituinte pelo Partido Comunista Italiano (PCI) em 1946. Seu pai, Bruno, era de origem judaica e filho de um grande proprietário da indústria alimentícia. Intelectual especialista em literatura francesa, com formação em engenharia e física, ele ajudou a fundar o Gruppo Antifascista Romano e se tornou um dos principais financiadores do PCI durante a Resistência.[1]

Desde muito cedo, a vida de Gianfranco parece ter vagueado pela "circunferência do tempo rumo ao centro da oportunidade" de que falava Baltasar Gracián.[2] Sua formação política e cultural se deu entre o final da Resistência antifascista — na qual seus pais foram protagonistas — e o retorno das lutas operárias e estudantis do "outono quente" de 1969. Este novo ciclo recolocava em jogo as aspirações revolucionárias adormecidas desde o *biennio rosso* (biênio vermelho) de 1919-1920 e que, por ironia das novas circunstâncias, levariam o jovem Sanguinetti — então com vinte anos — a uma ruptura radicalmente à esquerda do antifascismo comunista da geração de seus pais.

1. Os anos pré-situacionistas

Ainda muito jovem, Gianfranco já compreendia as novas formas assumidas pela luta de classes em sua época. Essas transformações eram moldadas não apenas pela crise da sociedade burguesa e do capitalismo italiano no pós-guerra, mas, sobretudo, pela emergência de um novo proletariado. Precarizado e desligado dos interesses diretos da produção, esse grupo começava a ameaçar a posição dominante do operariado industrial como o sujeito revolucionário por excelência. Por essa via, era colocada em xeque a hegemonia dos comunistas à frente das organizações partidárias e sindicais operárias, bem como a própria ortodoxia marxista predominante, que privilegiava as lutas econômicas e políticas em detrimento dos aspectos socioculturais dos conflitos e das lutas sociais.

[1] Cf. Pacini, *Teresa Mattei*.
[2] Gracián, *Oráculo manual e arte de prudência*.

Atento à falência dos valores tradicionais, tanto burgueses quanto operários, Gianfranco passou a frequentar, por volta de 1966, as reuniões do *Gruppo 63* — um movimento de jovens escritores que rompia com os quadros acadêmicos do neorrealismo italiano por meio de uma apropriação experimental da linguagem. Inspirado pelo movimento pacifista *Green Wave* de Joan Baez nos Estados Unidos, pela contracultura *beatnik* e pelos *provos* holandeses, ele formou, junto a um grupo de jovens *hippies*, o homônimo italiano *Onda Verde*. Os *beatniks* milaneses defendiam pautas ligadas aos interesses da juventude, como a abolição do alistamento militar obrigatório, o direito ao aborto, ao divórcio e ao casamento homossexual. Seu campo de atuação eram os colégios secundaristas, e seus métodos, ocupações e *happenings* político-estéticos. Ao final de 1966, a aliança entre o *Onda Verde* e um grupo similar, denominado *Mondo Beat*, representaria um salto qualitativo rumo a formulações teóricas situacionistas. Quando a revista homônima editada por esse grupo teve seu último número publicado pela Feltrinelli — a maior editora de esquerda da Itália —, soaram os sinos da "recuperação". Esse conceito, apropriado em leituras coletivas da revista *Internacional Situacionista*, impunha-se então como o antídoto à apropriação das lutas estudantis por sujeitos exteriores a elas.

Em 1967, Gianfranco e outros colegas secundaristas — entre eles Claudio Pavan e Paolo Salvadori, futuros membros da IS — juntaram-se ao projeto da revista *S*. Essa publicação, iniciativa do professor milanês Carlo Oliva, propunha renovar o marxismo economicista predominante nas esquerdas partidárias. Foi por meio da *S* que a teoria situacionista chegou às universidades italianas, difundindo-se no contexto do amplo movimento de ocupações universitárias que eclodiu em Turim no final daquele ano e se espalhou por outras cidades. Impulsionada pelo Maio de 68, a contestação social na Itália arrastou-se por uma década, ficando conhecida na França como o *Mai rampant* (maio rastejante). Embora a revista da IS ainda não contasse com mais de vinte assinantes em todo o país, sua teoria, ainda assim, repercutiu intensamente no meio estudantil secundarista e universitário italiano.[3]

2. Os anos situacionistas

Ao final do outono de 1968, o grupo de Gianfranco redigiu *Dialletica della putrefazione e del superamento*, uma análise do movimento estudantil fortemente influenciada pela teoria situacionista, além das teses conselhistas da esquerda germano-holandesa da primeira metade do século XX (Pannekoek, Gorter e outros). Enquanto, na França, o movimento revolucionário era derrotado pelo impacto dos "acordos de Grenelle", a Itália caminhava para uma situação de crise revolucionária. No momento em que os situacionistas franceses elaboravam um balanço da crise de maio-junho de 1968 e se engajavam em um debate sobre organização e sobre o papel da IS nas lutas futuras, Sanguinetti, Pavan e Salvadori estabeleceram contato com a seção francesa da organização, então dirigida por Guy Debord. Foi assim que se constituiu a seção italiana, ainda que composta apenas pelos três membros milaneses.[4] O primeiro — e único — número da revista *Internazionale Situazionista*

[3] Cf. Amorós, *Brève histoire de la section italienne de l'Internationale Situationniste*.

[4] Lembre-se que A IS foi fundada em 27 de julho de 1957 na Itália (Conferência de Cosio d'Arroscia), contando desde o início com a figura vanguardista do artista plástico italiano Pinot-Gallizio (inventor da "pintura industrial"), que mais

foi publicado em julho de 1969. O material impressionou os membros da seção francesa, sobretudo Debord, que na ocasião escreveu: "Não creio que algo tão poderoso tenha sido escrito na Itália desde Maquiavel".[5]

Gianfranco possuía a visão mais lúcida e o repertório teórico mais sólido entre os jovens membros da seção italiana, que, em sua pequena tendência, também acolheria o venezuelano Eduardo Rothe, o único sul-americano a integrar a IS. A intensificação das lutas operárias entre 1968 e 1969 — marcada por greves antissindicais na FIAT, Pirelli, Oficina 32 de Mirafiori e na RAI; pela edificação de barricadas em Milão, Caserta, Turim e Nápoles; por rebeliões em presídios, a insurreição de Battipaglia, motins de rua na Sardenha e a criação de comitês de base nas fábricas — levou à convocação de uma greve geral para o dia 19 de novembro de 1969. Naquela ocasião, os situacionistas italianos afixaram nos muros de Milão um manifesto intitulado *Avviso al proletariato italiano sulle possibilità presenti della rivoluzione sociale*, que resumia os principais aspectos da crise revolucionária em curso, explicava os interesses em disputa e convocava à formação de conselhos de trabalhadores.

Quando, no dia 12 de dezembro de 1969, uma bomba explodiu no Banco da Agricultura, também em Milão, os situacionistas denunciaram, ainda no calor dos acontecimentos, a provocação do Estado italiano — o que, no entanto, só viria a ser comprovado em 1990 pelo então primeiro-ministro Giulio Andreotti.[6] A partir de então, como observou McKenzie Wark, a experiência de Sanguinetti com a política revolucionária e com o Estado "era, ainda mais do que a de Debord, principalmente de sua função policial".[7] De fato, já na adolescência, Gianfranco fora detido (a mando do delegado milanês Luigi Calabresi, assassinado em 1972) por hastear a bandeira da República Espanhola de 1936 diante do ministro franquista Manuel Fraga Iribarne, no Palácio Real de Milão. Em 1971, ele foi deportado da França, um período em que também enfrentava uma série de provocações policialescas e neofascistas na Itália. Por essa razão, Sanguinetti figura como coautor do documento de dissolução da IS, redigido por Debord e publicado em 1972, como expressão de solidariedade e apoio ao amigo milanês. Entre 1975 e 1976, Gianfranco voltou a ser preso na Itália e expulso da França, mas desta vez por outro *affaire*.

tarde seria excluído da organização (em junho de 1960) na ocasião das lutas internas contra as suas tendências artísticas. Cf. Martos, *Histoire de L'Internationale Situationniste*.

[5] Debord; *Correspondance vol. 4 (1969-1972)*, p. 107, tradução nossa.

[6] Tratava-se de um atentado de "bandeira falsa", com o objetivo de desestabilizar o movimento como um todo, usando anarquistas como "bodes expiatórios" que justificassem a violenta repressão estatal. A expressão *false flag* designa eventos traumáticos (como ataques e atentados terroristas) projetados para parecer que foram perpetrados por alguém que não seja a pessoa ou o grupo realmente responsável por eles. A sabedoria estratégica e senso crítico dos situacionistas contrastavam, assim, com as análises predominantes entre a esquerda comunista e mesmo extra-parlamentar, que aceitavam igualmente a versão oficial dos acontecimentos. Formulada à época pelas autoridades judiciárias e policiais, a autoria do atentado recaiu de imediato sobre dois conhecidos indivíduos de orientação anarquista. Imediatamente após o ataque, a polícia italiana prendeu Pietro Valpreda, que seria libertado da prisão somente em dezembro de 1972, e Pino Pinelli que, segundo a versão oficial do Estado italiano, teria se atirado da janela do segundo andar do prédio em que estava sendo interrogado pelo delegado Luigi Calabresi. Este último, por sua vez, foi assassinado no dia 17 de maio de 1972 em Milão, fatos ainda hoje não esclarecidos.

[7] Wark, *The spectacle of disintegration*, p. 109, tradução nossa.

3. Os anos pós-situacionistas

Em março de 1975, Gianfranco foi interceptado a caminho de Florença, junto de sua companheira Katharine Scott, e detido por porte ilegal de armas — naturalmente "plantadas" no veículo pelos policiais. Durante os quatro dias de detenção e interrogatórios, diversas diligências foram realizadas nos domicílios de antigos membros da seção italiana da IS. Mario Masanzanica, proprietário do automóvel que Gianfranco dirigia no momento da prisão, também foi enquadrado na legislação "antiterrorismo" e detido sob a insólita acusação de ser o "matador" da IS, embora tenha sido libertado dois meses depois por falta de provas. Naquele período, o Estado italiano orquestrava uma campanha de calúnias, veiculada pela imprensa, que buscava associar os situacionistas tanto ao "terrorismo negro" anarquista quanto ao "terrorismo vermelho" das *Brigate Rosse*. Mas Gianfranco e Katharine portavam consigo algo mais importante do que bombas ou armas de guerra: o manuscrito do panfleto *Rapporto veridico sulle ultime possibilità di salvare il capitalismo in Italia*.[8] Em 2017, Gianfranco revelou como Katharine escondeu o manuscrito no estojo de seu violino, que passou despercebido pela triagem policial no presídio feminino de Florença. Naquela conjuntura, o potencial subversivo do panfleto podia custar a Gianfranco e sua companheira mais do que doze anos de prisão — pena prevista para o porte ilegal de armas. A salvo das mãos do Estado, o manuscrito teve sua edição criteriosamente preparada por Gianfranco na Biblioteca de Bergamo.

Uma vez concluído, o *Rapporto* de Sanguinetti foi publicado primeiramente na Itália sob o pseudônimo de Censor, um fictício burguês cínico e ultraconservador. Seu objetivo era demonstrar como era útil ao Estado italiano valer-se do recurso ao terrorismo para salvar o capitalismo da bancarrota e da subversão proletária que arrastava o país para a guerra civil. Ao mesmo tempo, o texto criticava os sucessivos erros policiais e jurídicos cometidos durante as investigações do massacre de *Piazza Fontana*, enquanto aconselhava as lideranças da Democracia Cristã a usarem em seu favor a vasta experiência adquirida pelos comunistas no controle da classe operária.

Planejado com a colaboração de Debord — que traduziu o panfleto para o francês —, Gianfranco retomou um método usado em 1841 por Bruno Bauer e Karl Marx contra a direita hegeliana,[9] propondo-se a "provocar um Estado de provocadores".[10] Ambos os textos se valem da ironia e da denúncia para desvelar as contradições das formas ideológicas dominantes que mascaram a realidade social. Bauer e Marx criticavam a filosofia da direita hegeliana por sua função ideológica, enquanto Sanguinetti e Debord utilizavam a ironia estrategicamente a fim de expor a hipocrisia das elites italianas. Estas, representadas pela figura do "banqueiro humanista" Raffaele Mattioli (a quem Censor dedica o *Rapporto*), simbolizavam perfeitamente a contradição entre a aparência benevolente e a realidade opressora do capitalismo.

[8] Doravante *Rapporto*, simplificadamente.

[9] Publicado anonimamente sob o título *Die Posaune des Jüngsten Gerichts über Hegel den Atheisten et l'antichristen: ein Ultimatum* [A trombeta do julgamento final contra Hegel, o ateu e o Anticristo: um ultimatum].

[10] Sanguinetti, *Véridique rapport sur les dernières chances de sauver le capitalisme en Italie*, p. 183, tradução nossa.

Em dezembro de 1975, após ter enganado toda a imprensa italiana — que repercutiu inadvertidamente o panfleto em todos os seus veículos —, Sanguinetti veio a público anunciar a inexistência de Censor, revelando as verdadeiras motivações de sua provocação. A operação tinha como objetivo demonstrar, de forma experimental e rigorosamente lógica, quão fácil é enganar a população utilizando os mesmos métodos de encenação empregados pelo terrorismo de Estado. Para isso, Gianfranco aplicou o método do inimigo contra ele próprio, ao criar um panfleto de bandeira falsa como disfarce para "dizer o indizível". Ao revelar a farsa, ele enganou os contumazes enganadores profissionais do Estado, aprofundando ainda mais o descrédito das instituições perante as classes trabalhadoras.

Gianfranco seria ainda alvo de uma segunda expulsão do território francês, ao ser reconhecido pelas autoridades fronteiriças a bordo de um trem noturno com destino à Itália. O episódio enfureceu Debord, que persuadiu seu amigo italiano a adquirir, por intermédio de Gérard Lebovici — proprietário das edições Champ Libre —, meia página no jornal *Le Monde*. Nela foi publicada, em 24 de fevereiro de 1976, uma Declaração de apoio a Sanguinetti. Carregada de um humor que André Breton qualificaria de "swiftiano" — aquele que provoca o riso sem, no entanto, dele participar —, a intervenção midiática de Debord inscrevia-se na busca por um novo teatro de operações para a teoria situacionista após o fim da organização. Essa forma precursora de anti-publicidade moderna exprimia, por meio de um *détour* (desvio), uma estratégia *pós-situacionista* de ação: voltar as armas do espetáculo contra o próprio espetáculo.

É nestes anos que a força qualitativa da teoria formulada pela IS exerceu seu maior impacto em território italiano, impulsionada pela parceria estratégica entre ambos. Essa amizade, a qual Debord costumava associar à de Marx e Engels (sendo Gianfranco o amigo abastado da relação), perdurou nos anos que se seguiram ao fim da IS, até começar a se deteriorar em razão de uma campanha difamatória conduzida por Debord contra Sanguinetti.

Em 1979, ambos publicaram suas análises sobre a situação italiana, nas quais abordavam diretamente a problemática do terrorismo no país, com ênfase na atuação das Brigadas Vermelhas e no sequestro e execução do primeiro-ministro Aldo Moro, do partido democrata-cristão. Debord desejava que seu antigo companheiro da IS publicasse suas teses na Itália ainda durante o sequestro, a fim de expor à opinião pública a manipulação das Brigadas pelos serviços secretos estatais. No entanto, Sanguinetti só o fez após o desfecho do episódio, cinco meses depois de Debord ter publicado, na França, as suas próprias teses — nas quais tanto o movimento de 1977 quanto o livro de Sanguinetti de 1975 são omitidos.

A partir desse momento, Debord não apenas rompeu relações com Sanguinetti, mas também passou a nutrir e divulgar suspeitas sobre ele. Convencido de que o amigo não seguira suas orientações por influência de seu advogado — uma pessoa vista com desconfiança pelo ex-situacionista francês —, Debord, sem jamais apresentar qualquer prova que sustentasse tal suspeição, difundiu entre tradutores e editores da Europa ocidental a desinformação de que essa pessoa poderia ser um agente estatal. Foi somente em novembro de 2012 que, por meio de uma carta

endereçada ao ex-situacionista tunisiano Mustapha Khayati,[11] Gianfranco se manifestou sobre a controvérsia, revelando a identidade de seu amigo e as razões de seu silêncio perante as afirmações caluniosas disseminadas por Debord.

Ariberto Mignoli (o "Doge"), era um jurista italiano e professor universitário, com atuação relevante em direito societário e operações financeiras importantes. Ele possuía uma densa cultura humanista: conhecia línguas clássicas ("mortas") e modernas europeias, lia literatura em várias línguas, tinha uma memória muito desenvolvida e uma postura moral bastante marcada. Embora não fosse um revolucionário no sentido clássico, não era conformista e mantinha uma atitude crítica frente ao poder político e às classes dirigentes. Sanguinetti o procurou como advogado "incorruptível" em 1971 para resolver questões familiares. No entanto, Mignoli acabaria participando de forma decisiva na operação Censor, ao sugerir que fosse feita uma edição limitada e de luxo, em papel especial e capa dura, fornecendo inclusive a lista de destinatários para quem o panfleto seria enviado (entre eles, o Papa Paulo VI). Mignoli também o defendeu juridicamente em vários momentos de perseguição, ajudando Sanguinetti a escapar de armadilhas policiais e penais. Censor é, afinal, um personagem inspirado tanto em Debord quanto em Mignoli, espelhando-se na figura idiossincrática de um Kropotkin às avessas: não como um aristocrata subversivo, mas como um subversivo aristocrata.

Sanguinetti responde às suspeitas de Debord com ironia e desprezo, tratando-as como absurdas, infundadas e reveladoras da degeneração paranoica de Debord nos anos posteriores à dissolução da IS. Ele nega categoricamente que Mignoli pudesse ter sido um agente do Estado e, ao contrário, o descreve como um homem íntegro, culto, generoso e de inteligência superior, cuja vida e caráter seriam incompatíveis com qualquer serviço de espionagem: "Aquele homem que Debord, em sua embriaguez e delírio, ousou chamar de 'agente secreto' foi, na realidade, o mais transparente e nobre dos seres humanos. Um advogado incorruptível, um espírito livre, incapaz de se vender a qualquer poder. Que Debord, com sua crescente mania de perseguição, tenha chegado a ver nele um espião apenas confirma o estado de confusão e ruína em que ele havia caído". Em outro trecho, Sanguinetti ainda observa — com ironia — que, se Mignoli fosse realmente um agente, "deveríamos então rever toda a história da inteligência italiana, pois jamais houve espião tão sábio, tão generoso e tão pouco interessado em dinheiro".

Aos 28 anos, Sanguinetti participou ativamente do movimento de 1977 em Roma e Bolonha, testemunhando a repressão sem precedentes que derrotou aquela experiência. Dando continuidade à sua obra de desmistificação, iniciada com o *Rapporto* de 1975, Gianfranco publicou, em 1979, *Do terrorismo e do Estado*. Neste livro, ele denuncia pela primeira vez o emprego do terrorismo *false flag* pelos aparelhos de Estado, especialmente na Itália, com o objetivo de reprimir e debelar os movimentos de contestação radical de 1969 e 1977. O livro foi reeditado nos Estados Unidos após os atentados de 11 de setembro de 2001, sendo visto como uma teoria premonitória sobre o *modus operandi* da "guerra contra o terrorismo" que inaugurou o século XXI.

[11] Para mais detalhes, ver Sanguinetti, *The Doge: a recollection*.

4. Os anos finais

Conspiracionismos à parte, nos anos conclusivos da Guerra Fria, entre 1989 e 1991, Gianfranco realizou pesquisas independentes na Rússia, na Lituânia e na República Tcheca. Ele se estabeleceu definitivamente nesta última, na capital Praga, onde residiu até a sua morte, deslocando-se com frequência entre Paris (onde colaborou com seu amigo Gérard Bérreby nas edições Allia) e a região da Toscana, para administrar as propriedades rurais da família. Após um hiato de dez anos em suas intervenções públicas, Sanguinetti voltou a publicar ensaios políticos na imprensa alternativa europeia, denunciando o surgimento de uma nova forma de dominação: o "despotismo ocidental".[12]

Este despotismo seria o rival do antigo "despotismo oriental", analisado pelo teórico-crítico alemão Karl August Wittfogel no final da década de 1950. O novo despotismo, de acordo com Sanguinetti, nasceu da dissolução da URSS e, simultaneamente, da morte do Estado de direito nos países ocidentais. Isso originou um estado de emergência perpétuo e generalizado, marcado pela proliferação orquestrada de golpes de Estado silenciosos que envolvem cooptação e infiltração das lutas sociais, além de técnicas de estabilização e desestabilização jurídico-política de governos minimamente democráticos em prol de sua substituição por regimes autocráticos.

Em 2017, Sanguinetti integrou uma grande mostra realizada no Museu de Roma, em Trastevere, intitulada "77". Nessa ocasião, ele assinou o ensaio *Un Orgasmo della Storia: il 1977 in Italia*, publicado como texto de abertura do volume *Il Piombo e le Rose*, organizado por Tano D'Amico, Pablo Echaurren, Claudia Salaris, entre outros, no mesmo ano. Sendo este um texto com importantes informações autobiográficas, sugiro sua leitura às pessoas interessadas em sua "vidobra" — termo que define o prolongamento da experiência vivida no campo da criação, a qual, ao surgir como obra, engendra por sua vez novas formas de existência.

Nesse sentido, Sanguinetti também pode ser considerado um precursor das culturas *prankster* ou *jamming* contemporâneas.[13] Pouco tempo depois da operação Censor, Pier Franco Ghisleni publicou na Itália uma edição falsa da editora Einaudi, "assinada" por Enrico Berlinguer, então secretário-geral do PCI. Seguindo essa linha, o grupo que editava a revista *Il Male* publicou no país uma série de jornais falsos, como do popular *Corriere della Sera*.

Em uma entrevista ainda não publicada — apenas a segunda, e última, concedida em sua vida —, Gianfranco relatou ter-se encontrado, em Paris, mais de uma vez com Jacques Servin (pseudônimo de Andy Bichlbaum), membro do grupo estadunidense *Yes Men*. Servin atestou-lhe a influência da operação Censor em seus filmes e criação de situações, por eles chamadas de *identity correction*, que Gianfranco, por sua vez, denominava "impostura subversiva". Vendo nessa forma de ativismo um alargamento das chamadas "lutas híbridas" e "guerras assimétricas" contemporâneas, Sanguinetti defende que: "Ao usurpar uma identidade 'respeitável', pois respeitada pela corrente dominante, e depois fazê-la dizer coisas tão indizíveis quanto verdadeiras, obrigamo-los a admitir evidências escandalosas: um pouco

[12] Cf. Sanguinetti, *O despotismo ocidental*.
[13] Cf. Deseriis, *The Faker as Producer*.

como fez Jonathan Swift quando propôs cozinhar o excesso de crianças pobres irlandesas, para resolver definitivamente o problema da pobreza na Irlanda".[14]

Sabe-se que *a fama póstuma é o quinhão dos inclassificáveis*, conforme Hannah Arendt observou ao homenagear a memória de Walter Benjamin. Nada garante, entretanto, que o mesmo possa ocorrer com a figura iconoclasta de Sanguinetti. Seus arquivos pessoais encontram-se, hoje, conservados na *Beinecke Rare Book and Manuscript Library* da tradicional Universidade de Yale, nos Estados Unidos — país-modelo do novo despotismo por ele denunciado em seus anos finais. Esse contexto tem dificultado, por diversos meios, o acesso de pesquisadoras e pesquisadores da periferia do espetáculo a este verdadeiro tesouro da subversão internacional. Uma boa forma de homenagear a memória de Gianfranco Sanguinetti seria, portanto, encontrar meios para se ampliar o acesso aos seus arquivos. O que ocorre hoje é exatamente o contrário: há uma redução na oferta de bolsas para pesquisadoras e pesquisadores independentes e restrição de vistos migratórios para estrangeiras e estrangeiros. Resta saber: por quais meios, então, seria possível acessá-los?

A biografia intelectual e política de Sanguinetti não oferece respostas nem modelos, somente pistas e enigmas que dispensam a necessidade de herdeiros ou continuadores. Basta seguir a insígnia: DISSIMILIVM INFIDA SOCIETAS.[15]

[14] Entrevista inédita, em fase de edição, com projeção de publicação para o ano de 2026, primeiramente nos Estados Unidos.

[15] Na tradução literal, mais comum, "A sociedade dos dessemelhantes é infiel".

Referências

AMORÓS, Miguel. *Brève histoire de la section italienne de l'Internationale Situationniste*. Paris: Paroles des jours, 2009.

DEBORD, Guy; *Correspondance. Vol. 4 (1969–1972)*. Paris: Fayard, 2004.

DESERIIS, Marco. The Faker as Producer: The Politics of Fabrication and the Three Orders of the Fake. *In*: DE LAURE, M.; FINK, M. (orgs.). *Culture Jamming*: Activism and the Art of Popular Resistance. New York: New York University Press, 2017.

GRACIÁN, Baltasar. *Oráculo manual e arte de prudência*. São Paulo: Ahimsa, 1984.

MARTOS, Jean-François. *Histoire de l'Internationale Situationniste*. Paris: Ivrea, 1995.

PACINI, Patrizia. *Teresa Mattei: una donna nella storia*: dall'antifascismo militante all'impegno in difesa dell'infanzia. Firenze: Consiglio Regionale della Toscana, 2009.

SANGUINETTI, Gianfranco. *The Doge*: a recollection. 17 dez. 2012. Disponível em: http://www.notbored.org/The-Doge.pdf.

SANGUINETTI, Gianfranco. *Véridique rapport sur les dernières chances de sauver le capitalisme en Italie*. Paris: Champ Libre, 1976.

WARK, McKenzie. *The spectacle of disintegration*. Londres: Verso, 2013.